

MENÇÃO HONROSA 1

Cláudia Fernandes

Título:

Poesia-me

Texto:

Cismo com o eco maníaco da pulsação
Desdiz-me e confessa a cadência do batimento
O abismo diante de mim será imaginação?

Abstemia-me

Anestesia-me

Antologia-me

Dás-me um livro, enquanto me afagas o cabelo
Traz-me um copo de vinho para afogar os medos
Faz-me um poema com as pontas dos dedos

Amora-me

Ancora-me

Aurora-me

Desfaz as sombras com um passe de magia
Apraz-me o gesto repleto de alquimia
Refaz e repete tudo o que te compete

Arrufada-me

Almofada-me

Alvorada-me

MENÇÃO HONROSA 2

Manuel Peres

Título:

8) AMAR 8

Texto:

Mulher de burel, levanta a voz,
o oceano fica distante.
Aperta a roupa, alarga o rasgão
e devaneia,
respira sobe a blusa de linho,
abre o promontório
do teu colo
sente o calor da tua boca
a afagar-te o corpo. Grita o mais alto suspiro,
carrega-te de luas,
....No quarto crescente
terás o miúdo, parido, no chão da tua adega,
no mesmo, onde o ferreiro te sorveu suores,
onde teus pés
se lavaram com mosto e onde os teus dedos
bateram mangual e mondas.
E logo limpaste teu corpo com orvalhos
e folhas vindimadas, onde bebeste
do coração do teu homem.

Cuida do sal que dele ficou,
ele, não voltará do mar.

Manuel Peres

© All rights reserved

MENÇÃO HONROSA 3

Pedro Luís Cardoso

Título:

O Bruno do Alfaiate

Texto:

Pudesse suas pernas fazer diferença, e de bom grado Bruno empurraria o comboio para o pôr a andar mais depressa. As placas com símbolos estranhos pouco ou nada lhe diziam, não somente por estarem em estrangeiro, mas também porque Bruno não sabia ler nem escrever. A única palavra que conseguia inventar num papel era o seu próprio nome: um traço com duas barrigas, depois um pançudo de bengala, colado a um copo sem pé, seguido de uma montanha com o braço esticado, e um zero. B-R-U-N-O. Podia ser analfabeto, mas Bruno tinha muito jeito para os números.

Vindo da apanha da maçã na França, Bruno entretinha-se a contar os viajantes que passavam. À sua frente seguia o primo Cristiano com os óculos enterrados nas páginas de um livro. Bruno achava aquele ritual delicioso: enfiar a cabeça entre um conjunto de folhas que alguém havia mecanografado; e conjeturava o que seria poder fazer parte desse mundo. Mas isso não o apoquentava. Naquela hora, a sua única ânsia residia no regresso atempado a casa, e rogava para que chegassem a tempo das vindimas da Quinta dos Carneiro.

Bruno era órfão de pai e mãe. Tanto quanto sabia, Abílio e Matilde eram os seus pais, e, apesar de andar muitas vezes de bolsos vazios, nunca lhe faltara carinho. Na verdade, Matilde era filha dos avós de Bruno, e acolhera-o por compaixão; a pobre criança não tinha culpa de ser fruto das noites de putedo ébrio da irmã. Abílio, por sua vez, era um homem exemplar: trabalhador e fiel. Tinha uma oficina de alfaiataria, improvisada na antiga adega da casa, e era lá que produzia as mais belas peças. Aliás, num letreiro por cima do frontispício da oficina lia-se: Desde Amarante a Vila Real, aqui se fazem os mais distintos trajares.

Quando estava em casa, Bruno ajudava Abílio no seu trabalho. O rapaz sempre tivera boa visão e destreza com os dedos. O giz, a fita, a régua e a tesoura pareciam ser apêndices do seu corpo. Além de que Bruno era dotado de uma visão acutilante, e conseguia enfiar qualquer linha pelos buracos insondáveis das agulhas. Tudo isso Abílio alfaiate lhe agradecia, pois suas mãos eram calejadas e a sua vista era bem mais débil, e, mesmo que auxiliado por próteses oculares, havia desafios demasiado morosos que o moço despachava por ele. O rapaz tinha jeito. Bruno dizia-lhe que lá na França chamavam a isso *savoir-faire*; fosse isso que sortilégio fosse.

Cristiano, por sua vez, passava a maior parte do tempo na cidade. Havia uma camioneta verde e prateada que o vinha buscar na segunda-feira e depois o trazia de volta na sexta-feira. Por vezes, em algumas sextas-feiras, a camioneta vinha, mas o Cristiano não. Os tios explicavam ao Bruno que o primo era muito inteligente, e todo o dinheiro deveria ser posto nos seus estudos. Por isso, quando os professores achavam que o Cristiano devia passar dias extra no colégio, era sua obrigação fazê-lo. Ser médico ou advogado era tudo o que importava ao Cristiano. Apesar de terem a mesma idade, Bruno não conseguia sequer imaginar a diferença entre ser-se médico ou advogado. Porém, quando o primo chegava a casa, explicava-lhe como preferia o estudo das leis ao do corpo humano. E Bruno acenava em acordo, insciente, e somente jubilante pelo regresso do seu melhor amigo.

Enquanto o primo estava para as aulas, Bruno entretinha-se a ajudar o tio, e contava os dias até ao Verão. Isto quando não aparecia Miguel, o caixeiro-viajante. Abílio sabia a boa cabeça

que o sobrinho tinha para os números, e por isso deixava-o encarregar de negociar as mercadorias necessárias ao ofício. Era nesses momentos que Bruno se sentia adulto. O que quer que fosse um advogado, certamente seria algo daquele calibre. Por vezes Miguel trazia consigo um estojo em pele, e no seu interior fulgiam artefactos em ouro e prata pejudadas com pedras coloridas.

– Algumas destas parecem-se com as pedrinhas que brilham no fundo da água do Douro, Miguel! – disse-lhe uma vez Bruno com grande assombro.

– Querias tu! – respondeu-lhe o comerciante. – O que viste no rio são vidros, ó Bruno! Isto aqui são pedras preciosas!

– Pedras preciosas? Para que servem?

– Para que servem? – admirava-se Miguel. – Mas que idade tens?

– Doze.

– Ainda és muito novo. – respondeu o caixeiro-viajante afagando a moleira do moço. – Daqui a uns anos vais perceber para que servem.

Tal como disse Miguel, assim aconteceu. Três anos volvidos e Bruno só conseguia pensar nas pedras preciosas. Na verdade, essas eram apenas imagens que faziam parte de uma quimera na sua mente. Enterrado no assento do comboio, o pensamento de Bruno amodorrava-se num nome: Patrícia. Não poucas vezes sonhara com ela sob as constelações de Occitânia; e, nos interlúdios das alucinações ensonadas, avistava os silvestres olhos da sua paixão. Quando estava acordado, imaginava-se num húmido dia de Setembro entre as fileiras das videiras. Então, por entre as parras, surgiriam as madeixas avelanadas de Patrícia. Depois, ela mostrava-se. A perfeição dos seus traços, a candura da sua pele e a graciosidade do seu porte encaixavam-se harmoniosamente nos campos. Nesse dia, Bruno aproximar-se-ia dela. Com confiança, ajoelhar-se-ia, e entregar-lhe-ia sua alma e coração envoltos numa caixinha de veludo. No seu interior esperaria um áureo anel reluzente encrostado de diamantes e esmeraldas, em tudo semelhante à vista de Patrícia.

– Enviaste-lhe a última carta, não enviaste primo?

– Sim, Bruno. – respondeu-lhe Cristiano, enfadado pelas vezes que escutara aquela pergunta nas últimas semanas. – Enviei.

Os primos tinham feito um pacto: durante aquele verão, Bruno havia ditado o seu amor em cartas apaixonadas, e Cristiano tomara nota de cada uma das palavras. Depois haviam enviado as cartas, por correio, desde a França até à casa da Patrícia na Régua, na esperança que o amor crescesse no coração dela.

A única oportunidade que Bruno tinha de se encontrar com Patrícia novamente era se ela fosse vindimar para a Quinta dos Carneiros. E, dentro do seu estômago, fervilhava o desejo de ver o seu sorriso de correspondência. Há dois anos que ele a admirava, e há tempo demais guardava ele o seu imenso amor nos recessos da alma. Desde a primeira vez que seu espírito acordara para aquele sentimento, há dois verões atrás, que não respirava sem pensar no nome dela.

E agora, por mais velozes que as paisagens cruzassem na janela, não existia velocidade suportada pelas leis da física que pudesse levar Bruno a Cederma no tempo que ele queria. Estações e apeadeiros, montanhas e vales, todas essas barreiras eram vencidas pelos caminhos de ferro; porém, a saudade é um desafio demasiado pesado para um coração apaixonado. Mas, subitamente despertado por Cristiano, Bruno pôs-se de pé, pois o primo disse-lhe que haviam chegado à estação da Régua e poucos minutos faltariam para o apeadeiro de Caldas de Moledo. Cristiano explicou-lhe que deviam sair aí, e que então o pai os apanharia no dois-cavalos. E assim, aproximando-se da hora de jantar, o comboio parou pela última vez para Bruno e Cristiano.

A norte, para além das giestas encostadas no caminho, empilhavam-se os socalcos das vinhas, varridas pelo sol poente. Os ramos cediam com o peso dos cachos sumarentos, e o chilrear dos piscos e das andorinhas davam o mote do verão. A sul, a capela de São Geão espreitava do alto

do monte, e dava as boas vindas aos miúdos regressados do estrangeiro. De permeio, no fundo do vale, o Douro corria na direção do mar, para ocidente, ostentando a cor do seu belo nome. Era assim que Bruno reconhecia o seu país, a sua casa.

Pelo caminho, os rapazes puseram o senhor Abílio ao corrente dos hábitos mirabolantes dos franceses, e o alfaiate deu-lhes as últimas da terra.

– O tio sabe se os Carneiro já começaram a vindimar? – perguntou Bruno, finalmente, ao mesmo tempo que esticava o pescoço para junto do lugar do condutor.

– Acho que não, Bruno. – disse. – Mas preciso que me vejas umas contas. Enquanto estiveste fora, o Miguel deixou uns recibos na oficina, e eu já não tenho olho para os números miudinhos que ele assenta na sebenta.

– Claro que sim, tio.

– Cristiano, – continuou Albino alfaiate, inclinando-se agora para o lugar do morto, tentando captar a atenção do filho. – espero que tenhas estudado na França; não te quero a desperdiçar o verão todo. Agradeço a ajuda para as contas lá de casa, mas gostaria que deixasses essas lides para o teu primo. Ele é mais forte e capaz que tu.

– Está bem. – respondeu Cristiano resignado. Ele olhava absorto pela janela do carro, e pouca ou nenhuma importância dirigiu ao pedido do pai.

Quando chegaram a casa, comeram uma malga de canja cada um e foram-se deitar. O cansaço era tal que a distância até à cama pareceu-lhes uma maratona. E quando, por fim, se deitaram, adormeceram em poucos segundos.

Dias depois Cristiano regressava de um dos seus passeios de bicicleta, tinha ido até à ponte junto do rio Varosa. Trazia novidades: os Carneiro só encetariam a vindima dali a três dias, e quem quisesse emprestar as mãos bastava comparecer na praça junto à Igreja Matriz da Régua que uma carrinha encarregar-se-ia de os levar para as vinhas.

Radiante de contentamento, Bruno saltava descontroladamente. Foi de imediato pedir autorização aos tios, que consentiram desde que trouxesse para casa a sua quota-parte.

Daquela vez Cristiano não iria com ele, mas propôs-se a dar boleia ao primo todos os dias na sua bicicleta. E as noites custaram a passar, pois Bruno não achava repouso que lhe mitigasse o anelo pelo reencontro com Patrícia. Até que o terceiro dia chegou, e Cristiano e Bruno montaram na bicicleta em direção ao sol nascente.

Era uma fria manhã de setembro, e o sol esforçava-se por atravessar as nuvens que se acastelavam acima das serras. Cristiano conduziu-os pelo caminho de terra; mas nem a estrada escabrosa, nem o impacto metálico da trave da bicicleta no cóccix, fizeram o sorriso sumir-se da face de Bruno. Este era o dia pelo qual ele aguardara tantos invernos. O álveo que o Douro esculpira na terra serpenteava, ora para norte, ora para sul; e os miúdos acompanhavam a torrente à sua direita, até que finalmente chegaram à cidade do Peso da Régua.

Àquela hora ainda não havia muita gente nas ruas, mas junto da praça já se havia juntado um bom grupo de pessoas. Entre eles, uma figura captou toda a atenção de Bruno: era Patrícia. Envergava um belo vestido verde escuro com uma cinta em pele, e o cabelo apanhado num pequeno puxo mostrava ao mundo uns elegantes ombros níveos que eram como seda para os olhos.

À medida que os primos se aproximavam, Patrícia dirigiu-lhes o olhar, e depressa se delineou um sorriso nos seus lábios. Cristiano colocou a bicicleta no descanso, e recebeu a menina dos olhos verdes com um abraço apertado. Bruno, timorato, observava aquela calamidade como se a própria vida lhe estivesse a ser arrancada. Patrícia estava entre os braços de Cristiano, e ria, tomada por uma alegria luzente.

Então os dois despediram-se com um beijo nos lábios, e a menina correu para a carrinha de caixa aberta, de onde ficou a acenar para Cristiano, enquanto o vestido se abanava ao sabor da brisa matinal. Patrícia nem fizera caso do pobre Bruno.

– Meu caro primo, – disse Bruno baixinho. – que fizeste tu? Pois parece que a Patrícia nem me

reconhece...

– Vê só que desperdício seria, – repostou vagorosamente Cristiano, enquanto lançava o seu braço em redor dos ombros de Bruno. – se esse amor levasse a Patrícia a apaixonar-se por um órfão, um alfaiate por pena, um zé ninguém. De tantas e bonitas palavras que me ditaste, havia apenas uma que era preciso teres sido tu a escrever.

Posto isto, Cristiano soltou o primo, e remontou a bicicleta. Entre as linhas assombreadas do seu rosto, lia-se a versúcia e ardil das suas ações. E Bruno culpabilizava-se por ter sido tão ingénuo. Nem a sua vista aguçada lhe valera para perceber a verdadeira índole do amigo. Por fim, quando Cristiano se preparava para abandonar Bruno na sua mágoa, disse-lhe:

– É irónico, não? Que a única palavra que saibas escrever não te tenha ocorrido na altura devida. B-R-U-N-O.

MENÇÃO HONROSA 4

João Orlando Pereira Machado

Título:

HISTÓRIA DE JOB (Jom em português)

Texto:

HISTÓRIA DE JOB
(Jom em português)

Chamou Deus, o diabo em alto som
Pôs-se a gabar das suas criaturas
E com as suas brancas vestiduras
Apontou-lhe na Terra o servo Jom

- Que feliz ali vai juntinho ao mar
Cantando mil canções sem partitura
O que o meu servo Jom, na Terra, atura
E nunca o vês sequer vociferar

- Ah!Ah! Riu-se escarninho o diabo
Aquele ali?! Hum! É fácil ser-Te fiel
Tem sol, tem chuva...tem papel
Pra Te escrever poemas, esse nabo!

Tem tudo, esse pateta, ao fim e ao cabo
Tira-lhe as tintas, o óleo e o pincel
Verás aquela mona, em carrocel
Deixar de Te admirar e gritar: Bravo!

Aí, Deus já irado e em voz off:

- O meu servo fiel e filho Jom
Não traz no bolso mais do que um tostão
E rói uma maçã-bravo-de-esmolfe

- Tanta vaidade nesse servo Jom
Só porque anda a cantar, salta e dança
Tira-lhe essa maçã, seca-lhe a pança
Corta-lhe na saúde e na pensão

- Deixei-te a ti fundar aquele bando

De salteadores, que espalhaste na Terra
Viraram pais e filhos, numa guerra
E o meu servo vê, lá vai cantando

Olha com olhos bons o que eu criei
Mesmo de mãos vazias, calções rotos
Assim tu o puseste, e esses marotos
E vê como ele ri. Parece um rei.

- Se ele Te é fiel, isso não sei.
Mas o fraquinho dele sei-o eu.
Esse teu servo Jom, agora é meu?
Deixa-o comigo que eu o abalalarei

Perdeu Deus a cabeça, e eu nem profiro
Tudo o que Ele berrou a esse chifrudo:
- O servo Jom, já foi teu, seu cornudo,
E a maçã-de-esmolfe, eu não lha tiro!!!

14:02:2012

MENÇÃO HONROSA 5

Lília Tavares

Título:

SEDE

Texto:

Não me sobra tempo para anoitecer
agora que a poeira do coração repartido
se quebra nas esquinas e permanece.
A que sabem as horas em que não estás?
A diamantes e ferrugem ainda não,
antes a folhas que o vento das tuas mãos
despiu quando me cobriste de nudez.

Arrebatados os dedos que me libertaram
do que não fazia falta ao luar para
convocares a minha e a tua pele para a luz.

Nas ervas fazemos das palavras corpo,
seiva taça uvas mares apelo
seio rebentação ternura inacabada.

Aquieto-me sedenta, ergo-me sôfrega
e espero a água da tua boca, céu
de frutos vermelhos que me condenam
à sede eterna de todos os aromas.

MENÇÃO HONROSA 6

Maria Veloso

Título:

Uma simples Amizade

Texto:

Como não sei amar-te, tentemos uma simples amizade. Se formos amigos podes contar-me os teus casos, em vez de te desculpares com reuniões madrugadas fora. Ou desabafar e dizer que acabaste de sair de uma relação complicada. Abrimos um bom vinho, corre sempre bem. Temo que quando me vires percebas as anormalidades que me passaram pela cabeça. Sonhei pegar numa faca e transformar-te num picadinho. Foi bastante gráfico. O nosso amor é canibal. Estou destruída e ambos sabemos que amor não é nada disso. Amor era conseguir que nos deitássemos na cama e voltássemos a falar de filmes franceses como no primeiro dia. Ponho lençóis de linho, se quiseres. Tenho uma gaveta cheia deles. Não os quero poupar para dias melhores. Entraste de mansinho dentro do meu corpo como se estivesses a pôr as duas últimas peças de um puzzle de 5000 peças. É disso que me lembro nas horas boas. Vejo tudo em câmara lenta. Saboreio o momento em que os nossos corpos se uniram sem que dessemos por isso. Vivemos durante muito tempo daquela primeira manhã. E nem quando me deste um prato de massa com bolor fiquei menos apaixonada. Agora vejo que a tua sombra pairava sobre nós como uma nuvem cinzenta a destoar na bem-aventurança azul. Eras um solteirão e eu já não ia para nova. Foste a prova que faltava para acreditar que Deus afinal existia. Porque me querias tu? Era uma rapariguinha impressionável com altos e baixos como um carrossel. Mas tu não me largaste a mão. Às vezes eras calado. A nuvem instalava-se entre nós. Eu ficava insuportável. O teu corpo hirto. Aquela insegurança dos primeiros dias. Tu ias trabalhar. Eu definhava. Procurava razões para sofrer. Tinha urgência que me amasses e tu amavas-me tanto em silêncio e só eu não via. Não tinha essa capacidade. Não há aquela parvoíce da culpa cristã. Os livros que li até então não prestavam, ou não passaram a mensagem. Tu amavas-me, não através de palavras. Até choraste na noite em que a minha mãe morreu. Isso é tão amor. Eu destrutiva a destruir-te. Ficaste como ficam os homens bons, os órfãos e os necessitados. Precisavas de mim em silêncio e não conseguia ouvir-te. Agora vejo-te tão nitidamente. Vejo-te no corredor enquanto eu passo por ti com uma travessa a fumar. Sei que disseste qualquer coisa que querias que eu entendesse, mas que não ouvisse. E eu passei por ti a correr a queimar os dedos. Aquela fremência não nos largava, como se fosse uma dor. Uma dor que queimava.

O doutor dos malucos avisou-me:

Sabe? Você não está preparada para ser feliz. E não estava. Já tinha passado dos 30, mas era uma criança e acusava-te de não teres inteligência emocional. Tu eras a emoção apavorada. Aposto que nem tens amantes, porque sou muito criativa a boicotar a minha vida. Já abandonei o meu jardim às intempéries e não choveu. Nasci para criar enredos e irritar as pessoas. Mas tu ficaste como uma planta moribunda com falta de água. Quererás branco ou tinto?

MENÇÃO HONROSA 7

Orlando Teixeira da Costa

Título:

Uma vaga luz

Texto:

Uma vaga luz

- Olá menina Maria!
- Olá Faria, há uns dias que não te via!
- Tiro um café ... na mesa ou em pé?
- Na mesa do canto onde me pranto.
- Está bem, meu grande poeta !

(vi um sorriso de vaga-lume que me inquieta...)

- Vi um poema teu, num fanzine do liceu!
- Quem me dera merecer um soneto teu
- Mereces muito mais. Juro, sem lamiré
- Que promessa tão vigorosa. Vou esperar
- Não tem de quê, estou quase a me declarar

(fez-se um breve silêncio, um instante de rodapé)

- Dá-me mas é o café.. em chávena escaldada!
- Está bem, meu querido, vou já..não tarda nada.
- E a promitente carta de amor com chama
- ou a declaração, afinal, para quando é?
- É para hoje, após o fecho deste estaminé.

(quando a dama chega, eis que assim reclama:)

- Então! A carta do que tem para declarar ?
- Declaro, sem prosa, a ousadia de a amar.
- A carta ou o poema irá sair... lindinho.
- E não pensou num determinado objeto?
- Aqui está, redondinho, de safiras repleto.

(a dama acalorada e em grande torvelinho)

Proclama: - que coisa linda, de estarrecer!
Sempre que poemas tiver para me oferecer,
Sendo a noite esplendorosa e me amando
Lhe concedo o privilégio de me cortejar
E eu, cafés em chávena escaldada, lhe dar.

@Orlando

MENÇÃO HONROSA 8

António Miguel Marques Ferreira

Título:

AS REGRAS DO JOGO

Texto:

Já que aceitaste o desafio de te sentares perante mim, com a condição de só nos levantarmos quando este jogo chegar ao fim, quero começar por dizer-te que não é a primeira vez que travo este desafio. Mas asseguro-te que das outras vezes que perdi nem sempre fui o primeiro a levantar-me! Sei que estás cheia de medo, mas garanto-te que o jogo em si é bastante simples. Se vamos ficar aqui sentados o resto das nossas vidas perante este tabuleiro, as complicações e as dificuldades com que nos vamos deparar advirão de não seguirmos as regras. E quando isto acontecer, no fim, tanto vencedor como vencido, sentir-se-ão ultrajados. Nenhum de nós se sagrará vencedor se o outro se sentir perdedor. No fim, ou nos sagramos os dois vencedores ou abandonaremos a mesa como dois vencidos da vida, dando por perdido o tempo que durar este acto de coragem de nos sentarmos um defronte do outro. Também te quero dizer que para te sagrares vencedora não bastará confiares no instinto. No teu e no meu! Aliás, o instinto é o nosso pior adversário... Aqui sentados não podemos ser os animais que somos na vertical, que à noite se deitam para jurarem que no dia seguinte serão melhores humanos que os selvagens que foram no dia anterior.

Também te quero dizer que eu não sou como a maioria dos jogadores. Por exemplo, eu não me importo com as obrigações domésticas de limpar o tabuleiro enquanto reflico. Pela minha vontade essa missão será desempenhada por quem o achar primeiro sujo. Pormenores como esses não me importam... Contudo, cumpre-me avisar-te que já vi grandes pirâmides, daquelas que ameaçam tocar os céus, desmoronarem-se por causa de um tijolo solto na sua base.

Antes de aqui chegares, perguntaste a todas as criaturas que encontraste pelo teu caminho a razão porque eles não estavam sentados a uma mesa como esta? A maioria deles terá respondido que se levantaram das suas mesas porque o parceiro estava distraído! Rogo-te, por favor, se me apanhares distraído não movimentes as tuas peças...

Agora, sem mais demoras, que há quem garanta que o jogo entre nós já começou, vamos então às regras! Não quero que depois me venhas dizer que te sentes enganada porque não sabias que podias movimentar esta ou aquela peça. Este jogo segue as directrizes da liberdade. Mas não nos devemos sentar só para o outro se poder levantar!

Devo confessar que te esperava mais aperaltada para este desafio, mas não te importes que estou autorizado a esticar o braço para coisas simples como pentear-te os cabelos desalinados ou expor-te o tímido decote. Também quero dizer-te que estamos autorizados a beijar-nos sempre que nos mostrarmos hesitantes entre que peças movermos. E se não há limite de beijos é porque neste jogo só se tem direito a uma vida completa! Espera!...

Entendeste que não nos podemos levantar!? Bem, estava a ser radical! Sabes que quando já se jogou este jogo muitas vezes tentamos fazer novas regras. Não!... Este jogo não começa bem se tivermos desconfianças em relação aos objectivos do parceiro! Já tive quem se sentasse no teu lugar com a missão de perder! Tu estás aqui para seres vencedora, certo?... Se sentires vontade de te sacrificares no altar do meu corpo não é ao meu deus que irás pedir autorização? Lembra-te que é o coração que bombeia o sangue! Quando um de nós sentir que o outro não sabe em que direcção ir, deverá levantar-se e humedecer-lhe os seus lábios. Os especialistas até aconselham a rodear a mesa e a beijar o parceiro como se fosse a derradeira jogada. O outro recuperará instantaneamente o seu norte e o jogo prosseguirá de imediato,

que uma vida pode parecer muito tempo mas todos os vencedores que conheci invariavelmente disseram-me precisar de mais tempo... Nunca olhes para trás se não for para perceberes que poderias ter feito as coisas de uma maneira totalmente diferente...

Minha querida, na verdade, podes levantar-te as vezes que sentires vontade. Até os jogadores profissionais sentem vontade de ir à casa de banho! E acredita que, na maior parte das vezes, essas idas não são para se sentirem mais leves, mas para repensarem a sua estratégia de jogo. Tu vais capacitar-te disso quando sentires que, apesar de teres tantas peças como eu, estás a perder o jogo. Nunca é tarde para remediar um movimento precipitado! Quando me vires cabisbaixo, a prolongar o tempo, não te debes calar. Ao penetrares no meu silêncio vais advertir-me que existe um tempo para jogar e outro para contemplares a jogada do parceiro. Vais dizer-me frontalmente que estou a confundir os papéis! E para as jogadas de mestre não é preciso pensar muito! Mas também nunca se move uma peça sem pensar nas outras... Neste jogo não se sacrificam peças por outras! Sempre que te sentires presa a uma, seja um peão ou um cavalo, fecha os olhos e imagina o tabuleiro só com essa peça que pensas movimentar. Se isso acontecesse a tua estratégia não seria prolongares o jogo até o teu parceiro mostrar compaixão?

Sabes aquele cantor cuja mulher fugiu com o seu melhor amigo? Foi dele que esse cantor sentiu mais falta... Quando entrei neste jogo disse a todos os meus amigos que não estava disposto a correr riscos. Aqui sou porta-estandarte, comandante, cavaleiro, soldado de infantaria. Nunca prisioneiro de guerra, porque entre a espada e a parede não nasci para ser emparedado. Se dissermos aos nossos vizinhos que estamos apenas de passagem, não vão estranhar quando decidirmos ficar. Não vamos limitar a nossa imaginação e dizer ao Sol que nasce neste quarto que ele daqui a mil anos ainda continuará a nascer nesta janela. Para nos continuarmos a sentir iluminados temos de ter fome de outras janelas e de outros sóis! Agora quero-te falar de algumas jogadas secretas... daquelas que vêm nos livros proibidos. Sabes que ao longo da minha vida li muito sobre este jogo. Mas a maioria desses livros foram escritos por teóricos que não demorariam cinco minutos para saírem derrotados desta mesa. Hoje prefiro autores experientes. Quando achares que fui longe de mais tem uma resposta pronta na ponta da língua. Não adies jogadas! Posso fazer recuar as minhas peças no tabuleiro com a mesma facilidade que as fiz avançar. As pontes que juntos temos para atravessar nem sempre serão sólidas e não falarão do leito dos rios que rasgam a vida por dentro, no auge do inverno. Nunca subas a um farol se não puderes compreender-me numa língua diferente da original em que nos entendemos. Passa a vida em retrospectiva antes de tirares conclusões das frases feitas.

Quando me ouvires gritar o teu nome aos quatro ventos não é porque o jogo não me está a correr de feição. Nesse movimento, no grito do teu nome, vais sentir-te impelida a dar-me dicas. Se eu souber interpretar os teus sinais estarei no bom caminho. Mas quando me vires rasgar os meus poemas é porque me sinto estéril. Antes de ser consumido pelo frio, se estiver a queimar as tuas cartas de amor, será chegada a altura de me escreveres outras. Nunca pares de escrever cartas de amor porque isso manter-me-á preso ao suceder das estações.

Nunca te esqueças que estamos apenas a jogar um jogo! Ver-me-ás cair muitas vezes! Mas justificarei todas essas quedas pela urgência de me dares a mão. De cada vez que me ajudares a levantar recuperarás a certeza de que estás a jogar o jogo certo com o parceiro certo.

Chama-lhe jogo de vida ou de morte, de sedução, de azar, chama-lhe o que quiseres. Talvez até tenhas a ilusão que não seja apenas um jogo que estás a jogar. Talvez sintas que estás a jogar vários simultaneamente. Quando me encontrares bêbado, pega num copo e brinda comigo ao prazer de ser um jogador que se perdeu na sua estratégia de jogo. Quando a minha mãe chegar à nossa beira pergunta-lhe se o meu pai não se fartou de brindar no dia do meu nascimento! Ainda hoje, na candura da vida, ela o incita a brindar quando ele perde o medo de jogar.

Se sentires que estás a travessar um deserto, presa num labirinto onde todos seguem em sentido contrário, não caias no desespero das horas mortas. Se estou a demorar a jogar

acrescenta cinco minutos à eternidade prevista. Imagina-te numa casinha na rua da memória, e como contabilista do tempo, a fazeres as contas de todo o tempo que ficaste à espera que o teu parceiro fizesse um movimento. Esse tempo só fez sentido quando ele, na importância de ser original, desceu do cume da montanha sagrada, cansado de fazer jurisprudência com Deus. Na natureza tudo é fugaz! Acredita que se as molduras apresentam devoção aos quatro elementos é porque somos uma parte primordial deste processo de transformação do mundo. Se todos os grandes amores são doentios é porque quem deles participa busca uma cura. Não te deixes enganar pela aparência... Muitos dos meus movimentos serão apenas manobras de diversão, como se para estacionar o meu automóvel, no único lugar disponível, primeiramente tivesse de lamentar ter escolhido um veículo tão grande.

De cada vez que ressuscitares para o jogo, que te deixa extenuada, antes de caíres na tentação de outros corpos, deixa-te arrebatado pela minha alma. Se invejarmos a eterna juventude de quem disparou a flecha ao nosso coração, teremos o dever que lhe tratar as feridas da memória. Já a solidão é a praga de quem se entretém a justificar a luz dos candelabros nas janelas onde já não mora ninguém.

Os perigos deste jogo: os nossos desabafos justificarão a sofreguidão das madrugadas! Se quiseres que toda a gente saiba que estou na iminência de me deitar de joelhos a pedir-te clemência pela minha estratégia, talvez não mereças de mim um pedido de desculpas... Se eu andar distraído e não der conta que te despiste de pureza para quem passava sem o desejo de ficar é porque na frieza de um olhar não se capta um coração em brasa. Se me apareceres descalça vou sentir necessidade de entregar as tuas sandálias a quem não parte. Não podemos estar sempre atentos a quem passa e cria inveja de nós. É certo que a maioria só quer perceber a forma como jogamos, mas há outros que estarão dispostos a entrarem no nosso jogo. Por isso não estranhes que, de tempos a tempos, eu te sirva num banquete público, em que quem se senta à mesa é para não te provar. Confiarei que no fim do banquete, na tua fome, partam em busca de outra mesa para jogarem este jogo.

E quando o jogo chegar ao fim o que acontece? Olharás para os nossos filhos e comigo partilharás a certeza de que eles estão preparados para prosseguirem o nosso jogo.

Quando eu regressar da última guerra da minha vida, quando já tiver feito todas as jogadas que importam, estarei apto para ser o soldado desconhecido. Na interrogação às minhas relíquias talvez não compreendas porque te deixei a jogar sozinha... Depõe uma coroa de flores na minha lápide e confia que conheces aquele soldado aos teus pés. Depois regressa a casa que o meu fantasma está impaciente para jogar contigo. Ainda deixei algumas jogadas por fazer... Não percas tempo nem te distraias que ele é muito melhor jogador do que eu! Se neste preciso momento tivéssemos autorização para olharmos para trás, surpreenderíamos nas nossas costas os nossos fantasmas. Estão a aprender como se joga.

MENÇÃO HONROSA 9

António Miguel Marques Ferreira

Título:

ENTREGA

Texto:

Trago-te à superfície! À minha mão estendida acrescento os dedos
Do teu fantasma, como se eu nesta profundidade não estivesse ao teu lado.
Renovo o sangue do tempo em que morrias todos os dias no meu campo
De batalha. De todos os animais que poderia ser nesta noite de tréguas
Liberto aqueles que, cansados de ser predadores, são agora presas fáceis.
Justifico as mandíbulas pela alma esgotada do corpo em carne-viva.

Amaldiçoo os deuses que cerram as pálpebras no teu despudor,
Confio nas mãos da memória que te estrangulam sofregamente.
Se já não podes ser semente, não implores o abandono do fruto
Caído por terra. Criar, essa forma de sobreviver, impõe que num grito
Incontido comovamos o silêncio! Afinal todas as horas mortas
Contribuem para o derradeiro êxtase do meu cadáver túrgido.
Enquanto forem imprevisíveis os teus movimentos bruscos
Os teólogos explicarão a encarnação dos homens que se deixam
Crucificar pelas árvores que se abatem nos invernos rigorosos.

Estou implicado nos crimes praticados na usurpação do teu corpo
E ao carrasco que me inveja por te maneres disposta a ressuscitar
Por mim, apontas para o ponto de luz no universo em expansão.
Quando revelares que o teu útero já pariu toda a misericórdia
Então o meu Deus pode sentir-se um homem com o coração nas mãos.

No tempo em que queimavas cartas de amor, este inverno
Ainda não conhecia os meus ossos. Não ignores os desconhecidos
Que param só para o prazer de não me verem tiritar de frio.
Diz-lhes que a minha forma de gemer, no cárcere do teu corpo,
Varreu da tua memória o cume da montanha onde fui Sol sagrado.

Os teus mamilos, como fontes de juventude eterna,
Satisfazem quem cerra os olhos no deleite do destino.
A tua hipersensibilidade aos lençóis de cetim explica-se
Porque em cima da mesa sempre estive a minha rendição
Incondicional. Nem os teus olhos mentem as circunstâncias
Desta premeditada entrega. Já o sabor dos teus lábios remete
Para uma lendária pátria em que os escravos do prazer
Sabiam que de nada serve ter um coração liquefeito.

Os canibais em nosso redor limitam-se à superficialidade da púbis.
Já as outras bestas, que nada percebem do amor da carne
Pelos ossos, limitam-se a aplaudirem a troca de prisioneiros

Com o inimigo, quando já deixou de fazer sentido lutar.

Não sabes como aqui cheguei? Confesso-te que no dia anterior
Ao da tua fuga fiz-me desertor. Quando, pela primeira vez,
Cravei os dentes no teu pescoço suplicaste que a intensidade
Da minha coragem no teu ventre fosse a do soldado desconhecido
Que se prepara para a última batalha da sua vida.

Agora as viúvas que não sabem encontrar no cadáver de um homem
Razões para as condecorações no pós-guerra... Não percebem
Que a saudade é uma palavra que nos deixa entre a espada e a parede.

MENÇÃO HONROSA 10

Filipe Lima

Título:

A trança do meu amor

Texto:

De mochila às costas
Peguei no cavalete
Na tela em branco
Fui à procura do lugar paradisíaco para pintar o meu amor
Deparei com cenário arrebatador
Prado verdejante a perder de vista
Sobrevoado por jardim arco-íris perfumado
Tendo na vizinhança bosque retirado do Vale do Loire

Deslumbrei-me
Estampe-me
Desajeitadamente fiquei de novo em pé
Pousava cavalete pegava na tela caía boné

Ainda não tinha visto tudo
Límpido ribeiro passeava aos ziguezagues difundindo pequenas melodias onduladas em
irrequietas cascatas de água fresca
Apanhei boné sacudi os joelhos das calças
Reparei numa dúzia de raparigas em duas rodas de braço dado com trajes ancestrais de cores
escarlate e celeste azul cantando ao sabor do vento no entardecer rodopiando no prado as
suas risadas

Montei cavalete
Ajustei tela
Desembrulhei da mochila os essenciais da pintura a óleo Van Gogh
Respirei ar vindo do bosque
Senti o prado comprido
Inspirei-me no aroma do jardim
Vi espelhado no ribeiro o meu amor divertido entre moças descalças que inadvertidamente
posavam para mim

Tinha já um esboço do rosto e da trança do meu amor
Uma ventania repentina arrancou a tela do cavalete
Esvoaçou para a roda cor escarlate das jovens que fizeram circular a tela entre braços
bordados de folhos de linho e regaços de talha dourada

Lentamente cercaram-me no meio da roda envaidecido sorrindo às vozes de deusas
declamando ao artista:

O vento voou a tela
Traços do teu amor
Imaginaram-se na tela

A amada do pintor
Quem poderá ser ela
Em que roda dança o teu amor
Amor sendo princesa
Roda nesta roda com certeza

Muito assarapantado distribuí beijos com vénias às raparigas retorquindo:

Moças lindas assim
Belas como dança
Traços na tela sem cor
Desfocadas por mim
Na roda escarlata
Sem tela sem o meu amor
Havia uma única trança
Na tela do meu amor
Trajava de celeste azul
A trança do meu fulgor

Todas as jovens da roda cor celeste azul tinham trança regozijaram colhendo no jardim
bandejas de viçosas flores de mil pigmentos

Regressada a tela ao cavalete as raparigas esvoaçaram as tranças brotando tinta das flores nas
bandejas que estenderam nas minhas mãos desafiando à vez:

De que cor é
A trança do teu amor
Na minha bandeja
Encontrarás a cor
Pétalas de amor perfeito
Aroma de alfazema
Um pouco de alecrim
Teu amor será assim
De mãos tingidas
Beijei de tintas a tela
Esculpi o rosto
Vinguei a trança
Sorri com gosto
Pintei o arvoredado
Do bosque de França

Olhei por fim a tela
Trança linda como ela
Entrelaçada macia
Tela cor da fantasia

Dancei na roda com ela

O vento amainou
Abraçamo-nos ao espelho na tela
Tela de sonho de quem a pintou

17 de fevereiro de 2021

MENÇÃO HONROSA 11

Sofia Margarida Mesquita Tiago Sobral Ramos

Título:

Medo

Texto:

O medo encontra-se no final do prazer.
O prazer perde-se no início da espera.
E eu espero por ti nas páginas que leio.
Leio em contra luz e viajo sem sair daqui.
Aqui estou, perturbando o silêncio a cada virar de página.
Cada página é um prazer ou uma agonia.
A cada respirar caminho por entre uma história que parece minha.
Eu existo nas entrelinhas de um abraço, numa espera por um beijo.
Beijo o papel, penteio as palavras desencontradas.
Encontro-me nas imagens desenhadas em mim.
Agarro-me a esse contorno de lápis tão forte que marca a folha.
Folha que já não usas, pois do monitor abusas.
Abusas de mim quando a bateria acaba.
Acabo sempre com medo.
Medo de saber qual o meu significado que existe em ti.
Significo prazer, amor ou ocupação?
Medo que o nosso amor seja uma ilusão.
Medo que me desligues como qualquer botão...